

Entrevista com a Professora Cláudia Maria Lima Werner, diretora acadêmica da Coppe/UFRJ

1. Conte-nos onde nasceu e como foi a sua infância, falando os nomes de seus pais e da formação acadêmica deles.

Nasci no Rio de Janeiro. Meu pai, Sérgio Alves Lima, era oficial da Marinha, com especialidade em Eletrônica. Minha mãe, Elisa Maria Loureiro Lima, era Pedagoga e professora da rede estadual. Sendo a caçula de três filhos e única mulher, sempre convivi com homens sem perceber diferenças de tratamento, inclusive em relação aos estudos e ideal de profissão.

Como filha de militar me acostumei a morar em diferentes locais: Angra dos Reis, Brasília, Inglaterra, entre outros. Isso me possibilitou conhecer culturas diferentes, mas sempre retornávamos ao Rio de Janeiro, a nossa base.

2. Conte-nos como se deu a sua opção pela matemática?

Estudei a maior parte do tempo em escolas públicas, mas tive algumas passagens por escolas particulares, principalmente nos últimos anos antes de realizar o vestibular. Nesta época, tinha retornado de um período de três anos na Inglaterra e pensava em seguir carreira na área de linguística. Entretanto, duas primas estavam cursando Bacharelado em Matemática, que após os créditos básicos permitia ao aluno optar pela área específica de Informática, no Instituto de Matemática da UFRJ. Aquele ano em especial (1982) seria o primeiro em que o vestibular poderia ser prestado diretamente para Informática. Ambas me incentivaram a fazer o exame para esta área, considerada uma carreira promissora, de futuro.

3. Seus pais a incentivaram ou eles tentaram fazer com que escolhesse outra área para realizar a graduação?

Meus pais sabiam que eu tinha aptidão para exatas. Além disso, uma profissão considerada de futuro tinha mais perspectiva, sendo, portanto, melhor aceita do que a opção pela linguística. Não houve resistência. Muito pelo contrário, fui incentivada a seguir em frente!

4. Como foi a sua graduação? Havia muitas alunas nas turmas?

Surpreendentemente, naquela época praticamente metade da minha turma era composta por mulheres, todas muito empolgadas com a possibilidade de abraçar esta nova profissão. Entretanto, ao longo do curso, percebi que muitas começavam a “ficar para trás”. Mas como eu estava focada em me formar, de preferência antes do tempo regular - o que fiz, adiantando matérias ao longo dos semestres e me formando com a turma anterior-, não tomei conhecimento na época de quantas conseguiram concluir o curso. Muitos anos depois, é que soube que muitas não terminaram. Mas o mesmo aconteceu com alguns alunos. E outras mulheres, mesmo tendo concluído o curso, acabaram mudando de área de atuação.



5. Por que sua escolha foi a Engenharia?

No último ano da graduação, comecei a trabalhar em projetos de consultoria realizados pela Coppe/UFRJ, para facilitar o término de meu curso, na Ilha do Fundão. Neste período, trabalhei no Centro de Pesquisa da Petrobras (Cenpes), em equipes predominantemente de engenheiros. Assim que terminei a graduação, ao analisar o mercado de trabalho existente, optei por trabalhar como analista de sistemas em projetos nos quais eu já participava no Cenpes. Minha escolha foi motivada por questões salariais e pelos desafios que percebi nesses projetos de alta tecnologia em que me envolvi, em comparação àqueles nas empresas que trabalhei anteriormente. Eles despertaram o meu interesse em ingressar no mestrado, naturalmente na Coppe.

6. Onde realizou o Mestrado, Doutorado e Pós Doutorado?

Iniciei o mestrado no Programa de Engenharia de Sistemas e Computação (PESC) da Coppe/UFRJ em 1987, mas já em 1988 fui convidada a passar direto para o curso de doutorado no mesmo programa, sem defesa de mestrado, uma nova modalidade no PESC naquela época. No mesmo ano, fui enviada em missão ao exterior para participar de um projeto científico/tecnológico, como aluna de doutorado sanduíche, no CERN (Organização Europeia para Pesquisa Nuclear), em Genebra, na Suíça, onde permaneci até o final de 1990. Terminei meu doutorado um ano depois, já de volta ao Brasil.

7. Fale sobre sua pesquisa em uma linguagem simples.

Minha formação na pós-graduação foi em Banco de Dados/ Engenharia de Software. Mas prestei concurso para professora da Coppe/UFRJ na área de Engenharia de Software, na qual realizo minhas pesquisas até hoje, mais especificamente na área de reutilização de software.

O desenvolvimento de software, em sua origem, sempre partiu do princípio que novos sistemas estavam sendo feitos pela primeira vez. Logo, sempre se começava com “uma folha em branco”. Mas com o passar dos anos, similarmente às outras engenharias, percebeu-se que a baixa produtividade e pouca qualidade do software produzido, em grande parte, se deviam ao fato de se “reinventar a roda” a toda hora. Neste sentido, desde a década de 80, com o surgimento de técnicas como a programação modular e orientação a objetos, viu-se que seria possível melhorar a produtividade e qualidade do software a partir da reutilização de sistemas já previamente desenvolvidos, desde que fosse tomada uma série de cuidados. Mais tarde surgiram tecnologias como componentes de software e serviços, e muitas dessas técnicas precisaram ser revisitadas. Hoje costumamos dizer que o problema da reutilização de software, assim como outras subáreas da ES, é muito mais cultural e de formação do que tecnológico. Por isso, mais recentemente, nos dedicamos à utilização de ferramentas computacionais inovadoras para o auxílio ao ensino de ES, de forma geral.

8. No Doutorado, sentiu algum tipo de preconceito por ser mulher?

Não. Sempre participei de equipes predominantemente masculinas, entre físicos e engenheiros, tanto no CERN quanto no CENPES, com algumas poucas mulheres, mas



nunca sofri qualquer tipo de preconceito. Talvez por lidar com pessoas de altíssimo nível de escolaridade sempre houve respeito entre colegas no ambiente de trabalho. O trabalho acadêmico em si é bastante individual. Ao desenvolver minha pesquisa na área de computação, que era extremamente útil para os projetos dos quais participei, sempre tive meu trabalho reconhecido pelos meus pares.

9. Se tem filhos, conte-nos das dificuldades de conciliar a maternidade e os estudos. Se não tem filhos, conte-nos se isso foi uma opção relacionada a carreira.

Tenho dois filhos: uma menina e um menino que foram planejados para nascer em momentos adequados à minha trajetória profissional, ou seja, a menina nasceu logo após a minha defesa de doutorado (embora estivesse grávida no período que prestei concurso para professora da Coppe). O menino nasceu quase cinco anos depois, quando meus primeiros passos, como professora e orientadora na pós-graduação, já tinham sido dados. Sou casada há 30 anos com um engenheiro que sempre me ajudou na criação dos filhos, o que me permitiu desenvolver minha carreira.

10. Quando e como gênero e ciência começaram a ser um tema de reflexão para você?

Há pelo menos uns 20 anos, talvez mais do que isso, iniciou-se um movimento no mundo inteiro chamando atenção para o baixo número de meninas nos cursos de computação, diferentemente do que havia sido no início da área. Historicamente, sabendo que a primeira programadora foi uma mulher, a Condessa de Lovelace, conhecida como Ada, muito intrigava o quase “desaparecimento” das mulheres na computação. Naquele momento, várias iniciativas sobre o tema foram tomadas no exterior e, mais recentemente, no Brasil.

Em 2003, quando fui convidada a ser diretora adjunta para assuntos acadêmicos da Coppe/UFRJ, participei de uma gestão na qual, pela primeira vez, a Coppe elegeu uma mulher como diretora, a professora Angela Uller. Uma mulher estava à frente da reconhecida instituição de pós-graduação e pesquisa na área de Engenharia. Nesse período, três mulheres integravam a diretoria. Além de mim e da Angela, havia a professora Marilita, à frente da diretora de planejamento, administração e infra-estrutura. Naquela época, a mídia publicou algumas matérias sobre as mulheres na engenharia. Passei a ficar mais atenta para isso. Prestar atenção no número de alunas que faziam parte da minha equipe de pesquisa e o número de formadas até então, quase a metade eram mulheres!

Infelizmente, este número de alunas tem caído de lá para cá e, novamente, a predominância de alunos tem também aparecido na pós-graduação da área de computação. Em 2015, quase 10 anos depois, fui convidada novamente a assumir o cargo de diretora para assuntos acadêmicos da Coppe/UFRJ, função que exerço até hoje, mas desta vez como única mulher na diretoria.

11. Deixe uma mensagem para as meninas, com a finalidade de mostrar-lhes que é possível seguir a carreira em matemática ou áreas afins, como engenharia e ciência da



computação.

Deixo uma frase de Eleanor Roosevelt, grande defensora dos direitos humanos, cuja motivação e força de vontade fez com que se tornasse um dos nomes mais icônicos na luta por melhores condições de vida para as mulheres de sua época. “Você precisa fazer aquilo que pensa que não é capaz de fazer.”

